



## **Práticas Pedagógicas no contexto escolar: Uma relação afetiva entre Professora do Ateliê e os bebês.**

### **Eixo Temático: Educação Inovadora e Transformadora**

**RODRIGUES, PAULA ADRIANA<sup>1</sup>**

#### **Resumo**

Há dois anos temos vivenciado uma nova proposta educacional na Unidade De Educação Infantil Ipê Amarelo, UFSM, Santa-Maria, RS, que são os ateliês. Baseado nas concepções de Loris Malaguzzi promotor de uma filosofia da educação construtivista inovadora e criativa na abordagem educacional desenvolvida nos centros de infância e pré-escolas de Reggio Emilia, através de leituras, relatos, debates nas formações pedagógicas, trocas de experiências entre professoras das turmas e professoras que no momento desenvolvem os papéis de professoras do ateliê, buscou-se relatar a experiência e o olhar de uma das professoras atelieristas da Instituição por meio da prática desenvolvida e suas vivências no contexto escolar. Neste artigo apresentamos uma das práticas desenvolvidas em uma das turmas de multi-idade da UEIIA, de 4 meses a 1 ano e 5 meses, apoiando-nos nos registros, nas observações, nas imagens registradas durante o desenvolvimento das atividades propostas, bem como as interações e relações entre as professoras e crianças.

**Palavras-chave:** Proposta educacional. Ateliês. Experiências. Criança. Linguagens.

#### **1. INTRODUÇÃO**

Há dois anos na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, estamos estudando e aprofundando nossos conhecimentos sobre a proposta dos ateliês na Educação Infantil. Baseados na abordagem educacional de Reggio Emilia, nossos estudos estão encorajados em nosso contexto escolar, em nossa proposta pedagógica que tem como ideal renovar, criar, explorar, experimentar, pesquisar novas possibilidades em um esforço intenso e coletivo do grupo de professores que atuam na Instituição.

Por meio de nossas leituras, discussões e vivências sobre o papel do ateliê na educação infantil e relacionado aos conceitos teóricos já elencados anteriormente, buscamos um entendimento sobre esta prática que estamos

---

<sup>1</sup> Mestranda no Ensino de Linguagens e Humanidades PRPGPE- UNIFRA. Educadora Infantil na Unidade Ipê Amarelo| UFSM. E-mail: profepaulaatelie@gmail.com

vivenciando em nossa unidade, já que esta já faz parte dos planejamentos da instituição dando assim a oportunidade de trocas de experiências e informações das turmas entre professoras referências e professoras do ateliê.

É muito prazeroso e edificante o trabalho que venho desempenhando como professora do ateliê e desenvolvendo juntamente com as crianças e equipe de professores das turmas, pois através dele temos a possibilidade de conhecer melhor as crianças, de escutá-las, saber suas preferências por brincadeiras e explorações de materiais, a maneira como se organizam em uma proposta, o que pensam, como se expressam; também, nos dá a oportunidade de crescer profissionalmente, de vivenciar algo que em nossa infância não tivemos a oportunidade; de voltar a ser criança, de se colocar no lugar do outro e ter a sensibilidade e a humildade de aprender com os colegas professores e o grupo de crianças, de trocar experiências tão valiosas que levaremos para o resto de nossas vidas.

Neste artigo, apresentaremos momentos que vivenciamos em nossa proposta que chamamos de ateliê em uma das turmas de multi-idade de 4 meses a 1 ano e 5 meses. Para isso, contamos com as observações ocorridas durante a proposta desenvolvida em sala juntamente com a professora referência e bolsistas, imagens registradas e os estudos realizados em nossas formações pedagógicas e grupo de pesquisa da Unidade Ipê Amarelo.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. Desafios no contexto escolar: O olhar da professora atelierista.**

No início do ano letivo de 2015, tive como proposta de trabalho fazer parte da equipe de professores atelieristas da Unidade De Educação Infantil Ipê Amarelo, tendo como referencial teórico a abordagem educacional de Reggio Emilia.

Este foi um de nossos maiores desafios, pois nos questionávamos como colocaríamos em prática os ateliês, se não tínhamos estrutura física, materiais diversificados para oferecer às crianças, espaço próprio para que estes pudessem criar. Porém, tínhamos um humilde conhecimento e uma Coordenadora que há alguns anos atrás na Instituição já havia vivenciado esta

experiência com um grupo de professores da Unidade, o que colaborou muito para o andamento de nossos trabalhos.

Após algumas semanas de organização de espaços na instituição, da formação do grupo que iria atuar como professores atelieristas e da arrecadação de materiais doados pelos pais e comunidade escolar, começamos a nos reunir e planejar para sete turmas do turno da manhã e sete do grupo da tarde as propostas que seriam desenvolvidas em sala.

Nossos primeiros planejamentos foram muito bem pensados e demorados para serem colocados em prática, pois tínhamos como ideal trazer para as crianças algo diferente e inovador do que estes vivenciavam em sala. Ademais, faz-se lembrar que os planejamentos dos ateliês são pensados através de uma conversa informal com os professores das turmas que nos relatam qual o interesse das crianças percebidos durante a semana, pois estes devem estar de acordo com o planejamento das professoras que estão atuando em sala.

Uma das práticas que merece destaque ocorreu em uma das turmas de 4 meses a 1 ano e 5 meses, pois ao ser relatado e observado pelas professoras da turma e do ateliê o gosto pela exploração de materiais sensoriais, por luzes e materiais sonoros, buscou-se realizar nesta turma um ateliê de exploração com garrafas coloridas, luzes pisca-pisca e cortinas com recortes de círculos para que elas pudessem explorar e enxergar os objetos que haviam do outro lado da cortina.

Ao entrar na sala, fomos muito bem recebidas pelas crianças e demais professoras que já se encontravam organizadas no tatame para recepcionar a equipe do ateliê. Foi um momento muito prazeroso, pois trocamos olhares com os bebês que em nenhum momento se assustaram com a nossa presença.

Ao presenciarem os objetos, as crianças ficaram curiosas e ansiosas para começar a explorar os materiais que estavam disponibilizados para elas.

Nesse sentido, o ateliê é visto como o lugar em que as cem linguagens são respeitadas e praticadas. De acordo com Veia Vecchi

O atelier serve a duas funções. Em primeiro lugar, ele oferece um local onde as crianças podem tornar-se mestres de todos os tipos de técnicas, tais como pintura, desenho e trabalhos com argila- todas as linguagens simbólicas. Em segundo lugar, ele ajuda que os professores compreendam como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica e vias de comunicação. ( Vecchi (1999, p.130),

Neste ambiente de diversidades a criança é encorajada a vencer seus medos, a se desinibir e a se expressar de diferentes formas.

Desse modo, pude perceber que os pequenos são muito espertos e adoram ser desafiados o tempo todo.

Correspondem com sorrisos, balbucios, caras e bocas. Expressam-se por meio de seus gestos com o corpo, e também com as articulações da boca quando querem “dizer algo” as suas professoras.

Adoram momentos de carinho, de trocas de olhares; gostam de ser o centro das atenções, resmungam quando algo não está bem ou quando o coleguinha está invadindo o seu território na disputa por brinquedos.

Destaco também a desenvoltura de algumas crianças que ao verem a professora dançar tentaram imitar os seus passos articulando e rebolando os seus corpos de forma espontânea e graciosa.

Um dos momentos que mais se destacou nesta proposta do ateliê foi a troca de olhares e o carinho de um bebê com uma das professoras atelieristas, que adorou ficar deitado no tatame e acariciar os cabelos da professora. Durante alguns minutos pude presenciar a troca recíproca de carinho entre ambos, olhares meigos e muitos suspiros.

Outro momento marcante nesta proposta foi a chegada de uma criança que possui síndrome de Down que ao perceber as luzes na sala foi diretamente ao encontro delas explorá-las.

O pequenino ficou encantado com o movimento que o brinquedo fazia pendurado ao teto.

Brincou de espiar pelos buracos com um coleguinha que no começo ficou um pouco desconfiado e introspectivo com as professoras do ateliê, mas aos poucos foi sendo encorajado pelas professoras e foi se soltando e explorando os materiais propostos na sala.

Neste sentido, Malaguzzi nos fala da importância que as imagens podem refletir nos momentos de troca de experiência com as crianças.

Certamente as imagens descrevem os fatos e as situações, mas nós também aconselhamos prestar atenção aos rostos, aos olhos, à boca, aos gestos, às posturas e aos sinais esboçados pelas crianças, que são as grandes “espias” dos sentimentos e das tensões que os animam interiormente, e que qualificam do modo mais natural seus níveis de participação, de esforço, de prazer, de desejo e de espera emergente nas experiências do ato de aprender. ( MALAGUZZI,1977 apud HOYUELOS, 2006, p.200)

Nesse contexto, as expressões sutis que os bebês fazem são observações valiosas que devem ser registradas e documentadas para auxiliarem os professores na caminhada pelo conhecimento, pela comunicação, autonomia e saber-fazer dos pequenos em um contexto de vida coletiva.

Por fim, trago as palavras de Rinaldi, 2012, p.134, para sintetizar o que de fato é imprescindível nestes momentos de propostas nos ateliês:

“{...} a documentação é um processo: dialético, baseado em laços afetivos e também poéticos não apenas acompanha o processo de construção do conhecimento como, em certo sentido, o fecunda”

Dessa maneira, por meio desta proposta vivenciada nesta turma, pude avaliar e reavaliar minha prática como professora atelierista de educação infantil. O que me fez refletir em como amadurecemos com novas experiências, o quanto é importante escutar as crianças e valorizar o que elas sabem, pois em suas mentes há um mundo de possibilidades e transformações; o quanto estas são criativas, investigativas, curiosas, amáveis, sensíveis e receptivas.

Segundo Tiziana Filippini (2012), coordenadora pedagógica (pedagoga) da Escola Diana e outros centros de Reggio Emilia, o atelierista ajuda a interpretar a linguagem gráfica, a detectar outras linguagens que as crianças usam, a observar outras linguagens no trabalho que fizeram, a refletir sobre as conexões entre linguagens variadas ou quais linguagens devem ser reforçadas ou mais desenvolvidas nas práticas pedagógicas.

Assim, no decorrer das atividades começamos a nos questionar o que são os ateliês e se nossa prática condiz com a realidade vivenciada em Reggio Emilia.

Pensamos, então, em criar um significado para o que estamos vivenciando atualmente em nossa unidade.

Foram várias semanas de estudo, discussões no grande grupo, relatos de experiências dos professores referência até chegarmos a uma conclusão: os ateliês que vivenciamos atualmente na instituição são espaços pedagógicos estruturados a partir dos interesses das crianças em pesquisar, experimentar, criar, conhecer determinadas curiosidades.

Neles, as crianças são encorajadas e desafiadas a terem autonomia e fazerem suas próprias escolhas.

Estes podem acontecer também em outros espaços além da unidade, como um passeio ou outras experiências com outras áreas além da educacional.

Baseados nas concepções de Reggio Emilia entendemos que nossa prática está de acordo com este referencial, pois a proposta de nossos ateliês é que as crianças se envolvam, que interajam; que os ateliês possibilitem novas experiências coletivas com alegria e ludicidade.

Também, que nestas propostas as crianças possam se expressar, interagir com diferentes materiais despertando a curiosidade sendo um potencializador das linguagens, do uso de novas tecnologias e de outros espaços fora do contexto escolar juntamente com suas famílias.

De acordo com GANDINI,

*O ateliê é uma oficina para as ideias das crianças, que se manifestam pelo uso de muitos materiais. O estilo de trabalho que adotamos é usar os materiais como linguagens.*

(...) O ambiente do ateliê pode facilitar novos entendimentos sobre os processos cognitivos e expressivos das crianças. ( GANDINI, 2012, p. 32)

Ao nosso entendimento o que diferencia o ateliê da Unidade Ipê Amarelo de Reggio Emilia é que em Reggio as crianças têm total liberdade para criarem em um espaço próprio para isso. Os professores atelieristas têm formação em artes visuais ou plásticas; não há um direcionamento para os trabalhos a serem desenvolvidos.

Em nossa Unidade ainda estamos amadurecendo nossa prática sobre os ateliês.

No começo do ano de 2016 conquistamos uma sala para o ateliê proporcionar propostas para as crianças e organizarem os materiais adequadamente para atender o interesse e as construções das crianças e contamos atualmente também com uma professora habilitada em artes visuais, o que veio a somar de forma significativa em nosso trabalho.

Dessa forma, desenvolvemos o nosso trabalho tendo como centralidade a criança, respeitando suas individualidades para que ela se desenvolva em sua totalidade, esse é o sentido do nosso trabalho.

Por fim, trabalhamos na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento da capacidade de criação das crianças tornando-as seres críticos, criativas e autônomas, ocasionando a elas a criação de diversas possibilidades e liberdade de expressão.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A abordagem educacional de Reggio Emilia distingue-se, em primeiro lugar, por ser inovadora desde sua origem, quando, no pós-guerra, a primeira escola foi construída em condições econômicas e sociais muito precárias, nascida de um sonho de melhor vida para as crianças daquela região e levantada com a força coletiva daquele povo.

Inovadora, também, por causa da integração que propõe entre escola, família e sociedade; em segundo, pelo rompimento com os padrões tradicionais de educação, já que sua perspectiva inverte a relação tradicionalista entre o detentor do saber e o recebedor, professor/aluno.

Contudo, o projeto educacional propõe-se que o professor aprenda enquanto ensina, compreendendo a lógica de aprendizagem da criança por meio da escuta, ou seja, é o ponto central do trabalho pedagógico.

Baseando-se na originalidade e a subjetividade, a Escola Ipê Amarelo baseou-se nos estudos realizados para atingir este trabalho juntamente com os professores e as crianças como o centro protagonista de seu processo educativo.

O principal objetivo é que o professor aprenda a manter e incentivar a curiosidade infantil e tenha disposição para mudar de ideia e evitar as verdades absolutas.

Através dessa abordagem valorizamos os aspectos sócio interativos e construtivistas e, também estabelecemos vínculos afetivos utilizando o espaço físico da escola como ferramenta educacional.

Por conseguinte, através das experiências que estão sendo realizadas na Unidade, percebemos o quanto as crianças estão motivadas, a cada atividade proposta e materiais diferenciados, onde percebe-se que as crianças adquirirão diversos conhecimentos e demonstram suas capacidades e curiosidades.

Somos professoras pedagogas buscando nos aprofundar os estudos do ateliê, para melhor compreender e explorar as inúmeras possibilidades que este estudo e investigação nos oferece.

Como citamos anteriormente, nosso trabalho em conjunto, nos remete a refletir a melhorar cada vez mais, através da complexidade do nosso trabalho.

Trabalhamos unidos e sempre buscamos melhorar nossas habilidades, não somente com o trabalho em si, mas para documentar nossos projetos, conduzir nossas pesquisas e principalmente para observar, ouvir e preparar aulas ricas, cheias de possibilidades e de suma importância para as crianças.

Podemos salientar a importância deste diálogo criado na relação do nosso trabalho, e por meio desta troca de olhares sobre as crianças que possibilita novas formas de refletir sobre a prática do Ateliê, o papel do professor, o trabalho em grupo e o que são os espaços da escola.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.123 a 148.



FOCHI, PAULO. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** : Comunicação, autonomia e saber fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Paulo Fochi.- Porto Alegre: Penso, 2015. 159p.

GANDINI, Leila [et al] . **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2012.

HOYUELOS, Alfredo. **A estética no pensamento e obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** Barcelona: Octaedro- Rosa Sensat, 2006.

RINALDI, Carla. **A pedagogia da escuta.** Palestra proferida em Reggio Emilia, Itália, em 26 fev. 2009.